

Crimes violentos.
Mortes misteriosas.
Bem-vindos à cidade do pecado.

N.º 1 EM TODO O MUNDO

JAMES PATTERSON

MAIS DE 305 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

AGÊNCIA INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO

PRIVATE

LAS VEGAS



e MAXINE PAETRO

TOP
SEL
LER

Para a Suzie e o John, o Brendan, o Alex e o Jack

PRÓLOGO

LIGUEM OS MOTORES

UM

Lori Kimball seguia apenas três regras na sua corrida com a morte até casa.

Primeira, nada de travões.

Segunda, nada de buzina.

Terceira, bater o seu próprio recorde por dez segundos, todos os dias.

Desligou o telefone e enfiou-o no porta-luvas.

Às vossas posições... *Preparados...*

Endireitou o espelho retrovisor, enfiou no leitor de CD o disco com a *cover* que os Electric Flag fizeram do *Killing Floor* de Howlin' Wolf, e carregou no botão do cronómetro que usava num fio à volta do pescoço.

Partida!

Lori pisou no acelerador, e o seu *Infiniti EX* saiu disparado rampa acima em direção à 110, como se lhe conseguisse ler os pensamentos.

Tinha de percorrer exatamente 16 quilómetros desde o acesso à autoestrada até à casa dela, em Glendale. O seu recorde era de 12 minutos e dez segundos, mas estava prestes a ser ultrapassado.

O piso estava seco, o sol fraco, o trânsito a rolar. Condições ideais. Ela ia a abrir por entre o *canyon*, com dois taludes de cada lado, a formar uma garganta que escoava os carros pelos quatro túneis consecutivos da Figueroa.

Lori encostou-se à traseira do *Audi* bordeaux de 2013 que seguia à sua frente, resistindo ao impulso de carregar na buzina com a palma da mão; mas de repente o *Audi* travou, como se a mostrar-lhe que não a ia deixar passar.

Era o que o seu filho de dez anos, Justin, fazia quando não queria ir para a escola. Simplesmente. Não. Se. Mexia.

Lori não precisava de aturar aquilo. Desviou-se para a faixa do meio e contornou uma carripa *Ford*. Assim que ultrapassou o *Audi*, guinou à esquerda para retomar a faixa mais rápida.

Era *agora*.

Naquele ponto da 110, havia três vias que seguiam para norte, ao passo que a da esquerda mudava de direção e se fundia com a 5. Lori acelerou até aos 120 à hora, passou a esgalhar por um *Cadillac* cor de champanhe de 2001, que ia a preguiçar a 90 à direita, e saiu pela faixa da esquerda.

Enquanto conduzia, Lori aumentou os decibéis, e a aparelhagem *Bose* de onze colunas martelou ainda mais alto os meandros do *rock* e dos *blues* urbanos. Estava o mais perto possível de voar sem descolar as rodas do chão.

Ia com seis minutos de corrida e já fizera metade do caminho. Tinha alguns segundos de vantagem em relação ao seu recorde; sentia a adrenalina a queimar-lhe a ponta dos dedos, a eriçar-lhe os cabelos.

Passava pela zona mais perigosa do percurso, à velocidade cruzeiro de 120 quilómetros por hora, quando um *BMW* preto descapotável se enfiou à frente dela como se tivesse o direito de ocupar aquela faixa.

Lori não podia aceitar uma coisa daquelas.

Nada de travões. Nada de buzinas.

Fez sinal de luzes e viu uma aberta, uma nesga de espaço vazio à sua direita. Rodou o volante e guinou para a faixa do meio, com o carro a escapar por um triz do para-choques traseiro do *BM*.

Uau, pá, a cara do outro.

— Isto é uma *corrida*, ó caramelo — gritou ela para o monitor de 360° no painel de instrumentos. Estava imersa na adrenalina daquele instante quando as traseiras de uma carrinha cinzenta lhe encheram o para-brisas e taparam a luz.

De onde é que tinha saído aquela carrinha? De onde?

Lori pisou os travões. Os pneus chiaram enquanto ela ia derrapando violentamente de um lado para o outro, com o sistema ABS do carro a fazer o possível para impedir a colisão inevitável.

O carro acabou por travar no último instante; a carrinha seguiu em frente.

Lori agarrou o volante com as mãos suadas, ainda sem conseguir acreditar que não tinha chocado, que não tinha sido projetada de encontro ao cinto de segurança, que o airbag não lhe tinha explodido na cara. Nada ouvia além da melancolia dos Electric Flag e do som entrecortado da sua própria respiração trémula.

Lori abstraiu-se da música, levantou o pé dos travões, voltou a arrancar, com as buzinas a apitarem à sua volta. O suor escorreu-lhe pelas faces e pingou-lhe do nariz.

Sim, ela chamava àquilo a corrida com a morte até casa, mas não queria verdadeiramente morrer. Tinha três filhos. Adorava o marido. Além disso, por mais aborrecido que o trabalho dela fosse, ao menos ainda tinha um.

Que raio é que se passava com ela?

— Não sei — disse para si própria. — A sério que não sei.

Lori respirou fundo, entre o seu soluçar, e fixou os olhos na estrada. O *BM* que seguia ao lado abrandou, e o condutor, com a cara transfigurada de raiva, berrou-lhe em silêncio detrás das janelas fechadas.

Para sua própria surpresa, Lori desatou a chorar.

DOIS

Os dois homens estavam sentados no sofá de cetim de uma sala aquecida pelos troncos incandescentes na lareira e pela luz bruxuleante do ecrã plano na parede.

O mais velho tinha o cabelo branco, traços vincados, os olhos felinos cor de âmbar. Esse era Gozan.

O mais novo tinha o cabelo escuro e uns olhos tão pretos, que pareciam absorver a luz. Era musculoso, alguém que encarava o levantamento de pesos a sério. O nome dele era Khezir.

Tinham ido visitar aquele paraíso que dava pelo nome de Los Angeles. Estavam de férias, na sua primeira visita à Costa Oeste, e tinham alugado um *bungalow* no hotel Beverly Hills — um verdadeiro palácio. A pequena e opulenta casa de três quartos parecia uma concha de madrepérola, situada ao fundo de um carreiro rosa-coral e enquadrada pelas folhas luxuriantes das bananeiras e palmeiras.

Era completamente distinto de tudo o que pudessem encontrar no seu país, o triângulo montanhoso de pedra do reino de Sumar.

Porém, agora, os dois homens desfrutavam das experiências hedonistas daquela cidade como de frutos exóticos nas palmas das suas mãos.

— Vou dar-te outro nome — disse Gozan Remari à sua loira roliça com seios enormes. — Vou chamar-te Pesseguinta.

Não havia mulheres apetitosas assim, como a Pesseguinha, em Sumar. Também não havia muitas na Califórnia, onde preferiam as mulheres com corpo de rapazinho e aquelas como a Pesseguinha eram consideradas gordas.

Como se isso fosse uma coisa má.

— Não gosto de ti — disse a Pesseguinha, titubeantemente. Teve de se esforçar para falar por entre o efeito entorpecedor das drogas misturadas no champanhe extraordinariamente caro que tinha ingerido. — Mas...

— Mas o quê, Pesseguinha? Não gostas de mim, mas o quê? Não te estás a divertir, é?

Gozan riu-se. Era um homem culto: andara na universidade em Londres e em Cambridge. Falava seis línguas e tinha aberto um pequeno banco comercial no centro histórico de Londres, enquanto pertencia aos conselhos de administração de várias empresas. No entanto, não conseguia evitar surpreender-se com quão facilmente as mulheres se permitiam ser enganadas.

A Pesseguinha estava ali, deitada aos seus pés, de braços e pernas abertos, à sua mercê, amarrada pelos pulsos e tornozelos às pernas de uma mesa e de uma otomana. Estava completamente nua, exceto nos mamilos, cobertos por caviar. Contudo, a verdade é que a ideia do caviar e champanhe lhe parecera deliciosa duas horas antes. Agora não valia a pena queixar-se.

— Esqueci-me do que ia a dizer — suspirou ela.

Khezir levantou-se e foi até ao quarto, deixando a porta dupla da sala aberta como que a formar uma única divisão. Deitou-se na grande cama de dossel ao lado de uma rapariga mais nova, que era filha da primeira. Era ainda mais sensual do que a mãe: maravilhosamente carnuda, suave ao toque, com longos cabelos loiros.

Khezir percorreu-lhe a coxa com a mão, maravilhado pela forma como ela ainda tremia, apesar de já não ser capaz de falar.

Disse à rapariga:

— E eu vou chamar-te... Manga. Sim. Gostas do teu novo nome? É muito melhor do que aquele que os porcalhões dos teus pais te deram. Adri-anna. — Repetiu-o mais alto, com voz esganiçada. — Aaaaa-driii-aaaaanna. Parece um cabritinho a balir.

Khezir tinha purgado várias cidades de pessoas que lhe faziam lembrar animais. No sítio de onde ele vinha, a vida era curta e não tinha grande valor.

A rapariga gemeu.

— Por favor...

Khezir soltou uma gargalhada.

— Queres mais, por favor. É isso, Manga?

Na sala, o leitor de CD múltiplo mudou de disco automaticamente. A música era produzida por um instrumento de sopro chamado *kime*. Soava como o vento gelado a correr por entre penhascos rochosos. A vocalista cantava sobre o mar que nunca vira.

Gozan disse:

— Eu preferia que tu gostasses de mim, Pesseguinha, mas, como dizia o Clark Gable àquela cabra histérica no *E Tudo o Vento Levou*: «Francamente, estou-me a cagar.»

Inclinou-se por cima dela, deu-lhe uma bofetada na cara e depois beliscou-a entre as pernas. A Pesseguinha guinchou e tentou libertar-se.

— É bom, não é? Diz-me que gostas disto — pediu Gozan.

Ouviu-se uma pancada forte na porta.

— *Desapareçam* — gritou Gozan. — Vão ter de limpar o quarto mais tarde.

Uma voz troou:

— Polícia de Los Angeles. Abram a porta. Já.

TRÊS

A rega automática disparava jatos de água pelos jardins luxuriantes das traseiras do hotel Beverly Hills. A noite tinha começado a descer. Eu estava de arma em punho, à espera, atrás de um arbusto a uns 30 metros do *bungalow* n.º 6, quando ouvi passos a subir o caminho. O comandante Luke Warren, da Polícia de Los Angeles, aproximou-se de mim com um grupo de seis polícias atrás.

Para variar, fiquei contente ao vê-los chegar.

Tinha informações de que dois escroques, uns tais de Gozan Remari e Khezir Mazul, suspeitos de várias violações sem acusações formais, estavam instalados no *bungalow* n.º 6. Porém, a menos que tivesse provas efetivas de que estivesse a ocorrer um crime, não tinha autoridade para irromper por ali adentro.

Chamei o comandante, mostrei-lhe o meu distintivo, entreguei-lhe o meu cartão, em que se lia «Jack Morgan, CEO, Private Investigations».

O Warren levantou os olhos do cartão para mim e disse:

— Eu sei quem é você, Morgan. Amigo do chefe. O moço de recados dos ricos e poderosos.

— Faço o meu trabalho — respondi.

A bófia não gosta de investigadores privados. Não temos de seguir as mesmas regras que funcionários públicos, e os

nossos clientes, em particular, contratam a Private pela nossa competência e discrição.

O comandante Warren continuou:

— Enfim, foi você que nos chamou. O que é que se passa?

— Tenho um amigo no ramo hoteleiro que me avisou de que estes dois homens foram expulsos do Constellation por terem atacado uma criada de quarto. Deram entrada aqui há coisa de duas horas. Tenho microcâmaras instaladas nas janelas, mas as cortinas estão fechadas. Consegui distinguir duas vozes masculinas e uma feminina por cima da música e da televisão, mas não houve gritos de socorro.

— E qual é o seu interesse no assunto?

— Sou um cidadão preocupado — retorqui.

— Muito bem — disse o Warren. — Obrigado pela dica. Agora tenho de lhe pedir que se afaste e nos deixe fazer o nosso trabalho.

Eu disse-lhe que sim, claro, não havia problema.

E a verdade é que não havia mesmo.

Não estava em trabalho e não precisava dos louvores para nada. Bastava-me assistir à detenção.

O comandante Warren mandou dois homens darem a volta ao *bungalow* para cobrirem as traseiras e a saída do jardim e depois subiu comigo as escadas, e atravessámos o alpendre até à entrada com mais dois detetives da Polícia de Los Angeles. O Warren bateu à porta e anunciou-se.

Ouvimos um berro do outro lado da porta. Parecia qualquer coisa como: «Desapareçam.»

— Ele mandou-nos entrar, não foi? — disse eu.

O comandante sorriu, a mostrar que tinha gostado da minha retórica. Então, passou um cartão pela fechadura eletrónica, levantou o joelho e arrombou a porta.

Abriu escancarada, e num instante pudemos todos ver até onde pode descer a depravação humana.

QUATRO

A sala era forrada a seda e cetim em tons de creme e cor de pêssego. Havia barrotes a arderem na lareira revestida a mármore e uma música atonal a escapar-se do leitor de CD. Copos vazios, garrafas de álcool, roupa espalhada no chão. O carrinho do serviço de quartos tinha tombado, por consequência atirando a comida e o serviço de porcelana partido para cima de um tapete persa.

Cumpri três anos de serviço militar como piloto no corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. Fui treinado para detectar o brilho do metal ou uma nuvem de pó no chão a três mil metros de altitude. No meio da noite.

Porém, não precisava desse treino para reconhecer a conspiração estendida à minha frente.

O homem que dava pelo nome de Gozan Remari estava sentado num cadeirão com a postura de um príncipe. Pareceu-me ter cerca de 50 anos, cabelo branco, com uns olhos felinos acobreados. Envergava um casaco de alfaiate luxuoso, uma camisa às riscas, um relógio pesado de ouro e mais nada — nem sequer a expressão de surpresa ou de raiva por a polícia ter arrombado o quarto dele.

Estava uma mulher nua deitada aos pés dele, atada com fitas de seda. Tinha os braços e as pernas abertos e estava amarrada pelos pulsos e tornozelos aos pés de uma mesa e de uma

otomana, como se fosse uma borboleta presa por alfinetes. Vi-lhe a marca avermelhada de uma estalada na cara e reparei na comida espalhada por cima do corpo dela.

Havia uma porta com um arco à minha direita, que levava a um dos quartos. E ali, à minha frente, estava o Khezir Mazul. Nu, sentado na cama, a fumar um cigarro. Uma rapariga, também nua, estava estendida de costas por cima das pernas dele. Corria-lhe um fio de sangue pela garganta, e vi uma faca de carne serrilhada por cima da colcha de cetim bege.

De onde me encontrava, não consegui perceber se as mulheres estariam mortas ou só inconscientes.

O comandante Warren obrigou o Gozan Remari a levantar-se e algemou-lhe as mãos atrás das costas.

— Estás preso por ofensa à integridade física. Tens o direito de permanecer calado, seu monte de merda.

O sacana mais novo levantou-se, e assim deixou a rapariga rebolar inerte para o chão. O Khezir Mazul era bem constituído e tinha grande parte do corpo tatuado com símbolos que eu não reconhecia.

Dirigiu-se para a sala e disse ao comandante Warren, no tom mais entediado que se possa imaginar:

— Não fizemos nada de mal. Por acaso ouviu falar no termo *con-shen-sual*? Não houve ofensa à integridade física nenhuma. Estas mulheres vieram de livre vontade connosco. Pergunte-lhes. Elas queriam festa. Como se costuma dizer no vosso país, «o prazer foi todo nosso».

E depois riu-se. *Riu-se*, o estupor.

Passei por cima do carrinho do serviço de quartos e fui direito à mulher deitada no chão perto de mim. Tinha a respiração fraca e a pele gelada. Estava a entrar em choque.

As minhas mãos tremeram enquanto lhe desamarrava os pulsos e tornozelos.

— Vai ficar tudo bem — disse-lhe eu. — Como é que se chama? Consegue dizer-me o seu nome?

Os outros polícias entraram pela porta dos fundos, e um deles pediu assistência médica. A seguir, o diretor do hotel e dois clientes curiosos entraram pela porta da frente. Aquele *bungalow* estava a transformar-se num circo.

Tirei uma manta de caxemira de cima do sofá e tapei o corpo da mulher. Ajudei-a a sentar-se numa cadeira e cobri-lhe os ombros com o meu casaco.

Ela abriu os olhos, e as lágrimas escorreram-lhe pelas maçãs do rosto.

— A minha filha — disse ela. — Onde está? Está...

Ouvi o polícia atrás de mim a dizer ao telemóvel:

— Duas mulheres, uma de 40 e tal anos e a outra cerca de 20. Está a sangrar de um ferimento no pescoço feito por uma faca. Estão as duas a respirar.

Eu disse à mulher cujo nome continuava sem saber:

— A sua filha está ali mesmo, no quarto. Vai ficar bem. Já vem ajuda a caminho.

Enquanto puxava o cobertor contra o corpo, a mulher virou a cara e viu a filha a levantar-se com a ajuda de um dos polícias.

Soou uma sirene. A mulher esticou-se e encostou o seu rosto húmido ao meu. Abraçou-me com força com um dos braços.

— A culpa é toda minha. Fiz asneira — disse ela. — Obrigada por nos ter ajudado.

PRIMEIRA PARTE

90210

CAPÍTULO 1

Segui atrás da ambulância, que acelerava por entre o trânsito na Santa Monica Boulevard, com destino ao hospital Ocean Memorial. Quando virou em direção ao interior, continuei para norte até chegar à Pacific Coast Highway, que contorna a margem do oceano e liga Malibu a Santa Monica.

O meu *Lamborghini* consegue ir dos zero aos 150 em dez segundos, mas também tem o efeito de atrair todos os polícias das redondezas, mesmo se parado a ronronar num sinal vermelho. Assim, cumpri rigorosamente os limites de velocidade, e dali a 20 minutos estava a chegar a casa.

Vivo num casarão de paredes brancas e grandes janelões de vidro, escondido da estrada por um muro alto coberto de trepadeiras e com um portão de ferro forjado.

Parei o carro, abri a janela e levei a palma da mão ao novo sistema de reconhecimento biométrico; o portão abriu-se lentamente. Subi pela rampa até ao meu lugar de estacionamento e parei junto ao *Jaguar* azul.

Enquanto os portões se fechavam atrás de mim, saí do carro, tranquei-o e dei uma vista de olhos ao jardim, a ver se estava tudo como tinha deixado. Só depois subi a vereda empedrada até casa.

Comprei a casa com a Justine Smith há cinco anos. Depois, quando nos separámos pela terceira dolorosíssima vez, acabei

por comprar a metade dela. Era confortável, perto do escritório, o sítio ideal... pelo menos até há um ano, em maio.

Nessa noite, eu tinha voltado a casa de uma viagem de negócios ao estrangeiro quando encontrei outra ex-namorada, a Colleen Molloy, morta na minha cama, com o corpo ainda quente. Tinha sido alvejada várias vezes à queima-roupa, e o assassino era um profissional. Da maneira como tratou do assunto, todas as provas apontavam para mim.

Fui acusado do assassinato da Colleen e prenderam-me, mas, após o trabalho extraordinário dos detetives da minha própria empresa, a Private, consegui ver-me em liberdade — se é que posso chamar-lhe isso. Continuo a abrir a porta todas as noites à espera de que tenha acontecido algo horrível durante a minha ausência.

Encostei o olho ao leitor de íris na porta da frente. A fechadura abriu-se com um estalido, e entrei.

Estavam um casaco azul de mulher e uma mala de couro pendurados numa cadeira, e senti a fragrância dela no ar enquanto percorria a sala. Seguindo a luz que vinha do fundo da casa, atravessei o corredor e espreitei pelas portas de vidro que davam para a piscina.

Ela estava a nadar e não reparou em mim. Não havia problema.

Abri a porta fazendo-a deslizar, e voltei a sair para a noite abafada. Sentei-me numa espreguiçadeira e fiquei a vê-la nadar, enquanto o oceano rugia na praia, lá em baixo.

A figura dela era ainda mais deslumbrante assim, realçada pelas luzes da piscina. Os braços tonificados mergulhavam confiantes na água, e as suas viragens eram ao mesmo tempo possantes e graciosas.

Eu conhecia tão bem aquela mulher.

Tinha total confiança nela. Preocupava-me com a segurança e com a felicidade dela. Amava-a verdadeiramente.

No entanto, não era capaz de imaginar o meu futuro a seu lado — nem com ninguém, aliás. E a Justine achava que isso era um problema. Era por isso que não vivíamos juntos. E era por isso que não fazíamos planos a longo prazo. Porém, tínhamos entendido dois meses antes que poderíamos ser felizes, se andássemos um com o outro. E, pelo menos por enquanto, estava a funcionar.

Chegou ao fim da piscina e saiu da água. A sua pele rebrilhava à medida que a luz e as sombras incidiam no seu corpo firme. Sentou-se à beira da piscina, com as pernas na água, inclinou-se para a frente e espremeu os longos cabelos castanho-escuros.

— Oi — disse eu.

Ela virou-se e disse:

— Jack.

Então, agarrou numa toalha e embrulhou-se nela, veio até à espreguiçadeira e sentou-se ao meu lado. Sorria.

— Há quanto tempo é que estás aí sentado?

Pus-lhe a mão por detrás do pescoço e puxei a boca dela para a minha. Beije-i-a. Voltei a beijá-la. Soltei-a e respondi:

— Acabei de chegar. Tive uma noite que nem queiras saber.

— Preciso de tomar um duche — disse a Justine. — Depois podes contar-me tudo.

CAPÍTULO 2

Os jatos de água quente jorraram na minha direção vindos de seis chuveiros diferentes. A Justine pôs as mãos no meu peito e encostou as suas ancas às minhas.

— Alguém precisa de uma massagem — disse ela. — Se calhar, és tu.

— Por mim...

Por mim, ela podia fazer o que quisesse. Não era só o meu carro que conseguia ir dos zero aos 150 em dez segundos: a Justine também tinha esse efeito sobre mim.

Olhou-me de alto a baixo, enquanto esfregava o gel de duche nas mãos; o aroma a pinheiro e ginseng pairava.

— Não sei se comece por baixo e vá subindo ou se faça ao contrário — disse ela.

— Parecem-me as duas muito bem — respondi.

Estava a rir-se, apreciando o poder que detinha sobre mim, quando o meu telemóvel tocou. A culpa era minha, já que o levara para a casa de banho, mas estava à espera de uma chamada do diretor dos nossos escritórios em Budapeste, que tinha dito que ia tentar apanhar-me enquanto estivesse numa escala entre dois voos.

— Tenho uma ideia — disse a Justine. — E se não atendesses?

Espreitei por entre as portas do chuveiro para o meu telemóvel, que estava em cima do lavatório. O ecrã mostrava

«Comandante L. Warren». Só podia ser sobre os dois violadores que a polícia tinha prendido no Beverly Hills.

— Era uma ótima ideia — respondi eu à Justine. — Mas prometo que me despacho rápido.

Peguei no telemóvel ao terceiro toque.

— Morgan? Temos um problema com aqueles porcos de Sumar — disse o comandante. — Eles têm imunidade diplomática.

— Só podes estar a brincar.

Contou-me detalhadamente as más notícias: tanto o Gozan Remari como o Khezir Mazul eram altos diplomatas na representação de Sumar nas Nações Unidas.

— Estão de férias em Hollywood — acrescentou o Warren. — Acho que podíamos dar cabo dos planos deles e deportá-los para a toca de onde saíram, mas as vítimas não nos estão a ajudar. Estou no hospital com elas agora mesmo. Não deixaram os médicos fazer o teste de violação.

— Isso não é nada bom — retorqui. Levantei um dedo para dizer à Justine que só levava mais um minuto.

— A Sra. Grove acha que tu a salvaste, Morgan — disse-me o comandante. — Eu... hã... preciso de um favor. Quero que fales com ela.

— Claro. Podes passar-lhe o telemóvel — respondi.

A Justine desligou a torneira. Tirou uma toalha do varão.

— Ela está num quarto com a filha — disse o Warren. — Olha, se quisesses, com aquele teu carrão podias pôr-te cá em 15 minutos. Falavas com elas cara a cara.

Recomendei à Justine que não esperasse por mim acordada.

Em jeito de resposta, pôs os auriculares e levou o *iPod* para a cozinha. Estava a cortar cebolas freneticamente quando saí de casa.

Conduzi durante 20 minutos até ao Ocean Memorial e levei outros dez a encontrar o comandante. Este levou-me a um

quarto pintado de bege com duas camas e uma cadeira reclinável.

A Belinda Grove estava sentada na cadeira, com as roupas de marca que eu tinha visto espalhadas no chão do *bungalow* n.º 6: um vestido de malha preto, um casaco cintado, *stiletto*s pretos do Jimmy Choo. Tinha penteado o cabelo e posto batom vermelho. Então, apesar de nunca a ter visto antes daquela noite, agora que se tinha arranjado, reconheci-a das fotografias da imprensa cor-de-rosa.

Era nada mais, nada menos do que a Sra. Alvin Grove, da direção do Museu da Criança, filha de Palmer Tiptree, dono da Tiptree Pharmaceuticals, e mãe de dois filhos.

Agora eu compreendia tudo. Ela preferiria morrer a deixar que se soubesse o que lhes tinha acontecido.

CAPÍTULO 3

A Sra. Grove levantou-se quando entrei no quarto, tomou a minha mão entre as dela e disse:

— Queria agradecer-lhe outra vez, Sr. Morgan.

— Trate-me por Jack. Ora essa, não tem por que agradecer, Sra. Grove. Está melhor?

— Pode tratar-me por Belinda. Tenho tanta vergonha de ter sido assim enganada — disse ela, voltando a sentar-se. — Estávamos a almoçar no Polo Lounge, eu e a minha filha, a falar sobre o Museu da Criança. Aqueles monstros estavam na mesa ao lado e ouviram-nos. O tal de Gozan disse que tinha muitos filhos e que estava interessado em fazer um donativo ao museu.

» Eles estavam bem vestidos, Jack. Pareciam pessoas educadas. Disseram que eram diplomatas. Estavam instalados no hotel. O Gozan disse que queria discutir os pormenores de um donativo considerável ao museu, mas preferia falar em privado.

» Ignorei os sinais de alerta. Fomos até ao *bungalow*. Disse que não nos podíamos demorar, mas que não fazia mal uma pequena conversa. Estamos sempre à procura de mecenas, Jack. Eles usaram *Rohypnol* ou qualquer coisa no género. Devem tê-lo posto no champanhe.

— A culpa não foi sua. Aqueles homens são perigosos.

— Espero nunca mais voltar a vê-los, a não ser que estejam pendurados pelos tomates sobre uma fogueira. Acho que

a Adrianna não vai ficar fisicamente marcada, mas emocionalmente... Emocionalmente, a minha filha está uma lástima.

Uma lástima era um eufemismo evidente. A Adrianna fora drogada, provavelmente violada, talvez pelos dois homens, e o Khezir Mazul tinha-lhe feito um golpe na garganta com uma faca serrilhada. Ficaria com uma cicatriz no pescoço para o resto da vida.

Nem queria pensar no que teria acontecido às duas mulheres, se eu não tivesse sido avisado, ou se tivéssemos chegado um pouco mais tarde.

Tentei chamar a Sra. Grove à razão, ao explicar que, se ela apresentasse queixa, o Remari e o Mazul poderiam ser deportados.

Ela abanou a cabeça, ignorando os meus argumentos.

— A minha filha é finalista na Universidade de Stanford. Seria trágico se ela tivesse de deixar a escola. O que aconteceu hoje é algo com que eu e a Adrianna vamos ter de aprender a viver e ao mesmo tempo algo que vamos ter de esquecer. Parece-me que é a melhor maneira de lidar com esta situação terrível, não acha?

— Talvez se eu lhe arranjasse ajuda — tentei.

Ela ignorou-me e continuou:

— A minha única responsabilidade agora é para com a Adrianna, e pode ter a certeza de que farei todos os possíveis para ela pôr isto para trás das costas. — Levantou-se. — Obrigada por tudo, Jack. Que Deus o abençoe. A sério.

A Belinda Grove saiu cabisbaixa do quarto bege e passou pelo comandante Warren, que ia a entrar.

Eu e o Luke Warren falámos durante alguns minutos. Não havia ponta por onde pegar no caso, nem um cordelinho que pudéssemos puxar para desatar o novelo. Ainda assim, há sempre alguns casos que eu gosto de fazer *pro bono*, e pareceu-me que aquele talvez fosse um desses.

Disse ao comandante que podia ligar-me a qualquer hora e que iria trabalhar com ele de borla. E com todo o gosto.

Pensei que, se os apanhássemos, iria arranjar maneira de persuadir o Mazul e o Remari a abandonarem o país definitivamente.

CAPÍTULO 4

Fiz o caminho de regresso a casa abaixo dos limites de velocidade e em tempo recorde, subi a rampa e deixei o carro estacionado junto ao muro, para a Justine sair mais facilmente de manhã.

Já não dormia na suíte principal desde o assassinio da Colleen. Passara a ocupar o quarto de hóspedes virado para o jardim da frente e com portas envidraçadas para o terraço das traseiras.

A lua cheia estava no zénite sobre o oceano, o luar entrava pelos vidros, banhando a cama de um brilho de pérola. A Justine parecia etérea, como se fosse feita de sonhos.

Arrumei a arma na mesa de cabeceira e deitei-me na cama ao lado dela. Ela dormia profundamente, mas virou-se quando me sentiu e enroscou-se no meu corpo. Pus os braços à volta dela e beijei-a no risco do cabelo. Ela murmurou o meu nome e demos um beijo de boas-noites.

Tentei parar de pensar, deixar-me adormecer, mas tinha demasiadas coisas às voltas no cérebro a lutarem pela minha atenção: os homens de Sumar; a Colleen, morta, com os olhos abertos, três balas no peito.

E pensei naquela noite no Afeganistão em que eu estava ao comando de um helicóptero de transporte para Kandahar com catorze fuzileiros no porão. Um míssil terra-ar disparado da

parte de trás de um todo-o-terreno atingiu a aeronave por baixo e destruiu a secção do rotor da cauda.

Ouviu-se uma explosão medonha, e o CH-46 começou a sua espiral descendente até ao inferno. Acabei por conseguir aterrar o *Phrog* direito, mas a verdade é que o morteiro já tinha cumprido a sua missão.

Nem todo o tempo nem toda a terapia do mundo poderiam apagar as imagens que ficaram retidas no meu espírito: eu a descer ao porão de carga por entre os escombros, o rá-tá-tá-tá das metralhadoras de calibre .50 a dispararem, o cheiro a combustível queimado, o cenário dos mortos e dos que iam morrer.

Se a Justine estivesse acordada, ter-me-ia perguntado em que é que eu estava a pensar... e eu teria mentido.

Já tinha mentido sobre o assunto à Justine várias vezes, e, sempre que me safava disso, acabava por sofrer. Quando ela percebia que eu estava a mentir, sofriamos os dois.

E era por isso que a Dra. Justine Smith, ilustre psicóloga, não conseguia imaginar futuro algum comigo.

CAPÍTULO 5

Estavam os dois a jantar no Spago, o restaurante de cinco estrelas de Wolfgang Puck no Caesars Palace, em Las Vegas. A mesa deles ficava ao fundo da sala, o que lhes dava uma visão privilegiada sobre os candelabros resplandecentes e a coleção de obras de arte contemporânea em cores garridas nas paredes.

Porém, Lester só tinha olhos para Sandra.

Naquele preciso instante, sentia uma espécie de embriaguez, a pensar em quão perto estavam de ganhar a sorte grande. Sandra estava quase preparada. Só precisava de um empurrãozinho extra.

— Ei. Fala comigo — pediu Lester calmamente.

— Estou a pensar — respondeu ela.

Sandra, nos seus 28 anos, tinha um ar angelical, o cabelo escuro escadeado pelos ombros e as pernas e os braços longos e fluidos como os de uma bailarina. Trazia um vestido justo preto *Hervé Léger* e um colar discreto de diamantes no valor de um milhão de dólares ao pescoço.

Sandra era perfeita: deslumbrante, inteligente e muitíssimo fria. Era também a mulher muito amada de um homem extraordinariamente rico.

Homem esse que não era Lester Olsen.

Lester estava a meio da casa dos 30. De altura e constituição mediana, tinha o cabelo grosso, com vontade própria, e um

rosto agradável, segundo os parâmetros do vulgar. As mãos dele eram inesquecíveis: os dedos deformados, estropiados por algum defeito de nascença ou acidente. Ela não sabia porquê.

Lester nunca falava sobre as suas mãos.

Nessa noite, ele e Sandra estavam num jantar de negócios, mas Olsen gostava dela. Era seu amigo e treinador, e às vezes ela chamava-lhe Grande O, o que o punha a rir à gargalhada. Ele não via qualquer problema em misturar prazer e negócios.

Ainda assim, a relação deles baseava-se em trabalho.

Lester ensinava Sandra a matar.

Naquele preciso instante, Sandra parecia pensativa. Fazia girar indolentemente o diamante cor-de-rosa da Tiffany da aliança de casamento que trazia no dedo anelar.

— Sandra? Em que é que estás a pensar?

— Não estou preocupada em tratar do assunto — disse ela.

— Não é isso. Só me preocupa o que possa vir a sentir depois.

Lester deu um gole no vinho e depois, quando o empregado se afastou da mesa, disse:

— Sandy, eu sei que para mim é fácil dizer «Não te preocupes». Mas, a sério, não te preocupes.

— Porque é que não me hei de preocupar?

— Eu tenho alguma experiência nestas coisas.

Ela sorriu.

— Não é a tua primeira vez?

— Também não é a segunda.

Riram-se os dois.

Ele esticou o braço por cima da mesa, pegou-lhe na mão e apertou-lhe os dedos.

— É sempre diferente de umas pessoas para as outras — disse. — Podes ficar um bocado deprimida algum tempo, mas não vai durar muito. Podes sempre contar comigo, aconteça o que acontecer. Estamos nisto juntos, certo?

— Podes crer que estamos — disse ela.

— Ainda estás a tempo de desistir, sabes disso.

— Eu sei.

— Ou então... pensa no grande prémio. Daqui a um ano hás de ser mais feliz do que alguma vez foste ou do que alguma vez pensaste vir a ser.

— Prometes?

Ela alegrava-se, voltava a si. Grande miúda.

— Queres café? Sobremesa? — perguntou ele.

— Não. Mas estás à vontade, se quiseres.

— Confias em mim?

— Sim.

Olsen sorriu em aprovação e depois fez sinal ao empregado.

— Senhor?

— O bolo de chocolate quente e café. Para os dois.

Sandra sorriu para Lester.

— Obrigada — disse ela. — Obrigada por tudo.

CAPÍTULO 6

O comandante Luke Warren estava sentado no seu *Hyundai Sonata* a vigiar Gozan Remari enquanto este saía da Prisão Central Masculina e atravessava o portão até à Bauchet Street. Eram 22h15.

O diplomata de Sumar vestia um fato cinzento-antracite e uma camisa às riscas... mas não trazia gravata, porque a tinha usado para amarrar uma mulher nua a uma mesa contra a vontade dela; gravata essa que ficara guardada como prova.

O telemóvel de Remari tocou.

Warren viu-o a tirá-lo do bolso do casaco e a falar durante alguns minutos, olhando em redor entretanto. Quando acabou, repôs o telemóvel no bolso e baixou-se para apanhar um jornal abandonado no passeio.

Depois, encostou-se à vedação da cadeia e começou a ler a primeira página sob a luz ténue dos candeeiros de rua.

Logo a seguir, um *Lincoln* preto último modelo, tipo de carro que não se via muito por aquelas bandas, parou junto ao passeio. Remari debruçou-se sobre a janela e falou com o condutor, que acabou por sair, dar a volta ao carro e abrir a porta do banco de trás.

Warren nunca tinha visto um carro com chofer apanhar ninguém à porta da prisão. Há uma primeira vez para tudo.

Remari dobrou o jornal, pô-lo debaixo do braço e entrou no *Lincoln*. Warren ligou o motor e ficou à espera. Entretanto o carro continuou parado.

O comandante tentava compreender Remari. Usava boas roupas, tinha uma excelente aparência, falava com um sotaque inglês habitual das classes abastadas; porém, tinha atacado cruelmente a Sra. Grove e a filha dela e era suspeito, juntamente com o seu amigo, de outros seis crimes de violação.

Para quê sequestrar mulheres ricas e torturá-las? Para quê chamar as atenções sobre si próprio naquele carro espampante?

Warren ficou ali mais dez minutos sentado a observar o carro parado. Estava a sorver os restos do seu café frio quando de repente o outro monte de merda saiu pelo portão da cadeia.

Khezir Mazul deixara as coxas de Adrianna negras, provavelmente violara-a e desferira-lhe sem dúvida um golpe no pescoço.

A palavra «carniceiro» assentava-lhe que nem uma luva.

Khezir Mazul olhou à volta e viu o carro preto. Esboçou um grande sorriso. Sentou-se no banco de trás ao lado do amigo e fechou a porta. O carro arrancou.

O comandante Warren ligou os faróis. Deixou que dois carros se metessem atrás do *Lincoln* e seguiu-o à distância. Revoltava-o saber que aqueles tipos podiam escapar impunes por causa de uma lei internacional que impedia figurões de serem julgados ou acusados, se estivessem em missão diplomática. Isso podia fazer sentido na Costa Leste, mas nada tinha que ver com Los Angeles; nada *devia* ter que ver com Los Angeles.

Trabalhava nas horas de folga com a certeza de que mais tarde poderia explicar tudo ao seu chefe. Tinha o pressentimento de que não teria de seguir aqueles canalhas durante muito tempo. Uma vez que os sumaris abusavam das suas prerrogativas diplomáticas, Warren estava quase certo de que haveriam de cometer outro crime hediondo muito em breve.

E talvez a próxima vítima não só sobrevivesse como também tivesse a coragem de apresentar queixa.

— Então, onde é que vamos, seus canalhas? — perguntou Luke Warren ao olhar para as luzes mais à frente. — Qual é o plano para hoje à noite?

CAPÍTULO 7

Gozan e Khezir regressaram ao Beverly Hills após a estadia de 24 horas na hospitaleira cadeia de Los Angeles. Foram encontrar o *bungalow* fechado, com as malas arrumadas na sala de bagagens do edifício principal, e uns seguranças encorpados a rondarem a receção.

Gozan pagou a conta, sem deixar de reparar no custo dos estragos, e sorriu. Se tivessem tido mais tempo, poderiam realmente ter destruído o quarto.

Os dois homens já tinham reservado a suíte presidencial do Beverly Hilton, e, quando se dirigiam para o carro de aluguer, Khezir urinou no interior de um vaso. O porteiro ficou chocado; Khezir riu-se e entrou no carro.

Foi tão engraçado. Ele era mesmo engraçado.

Gozan conduziu até ao novo hotel. Depois de tomarem banho e mudarem de roupa, estavam prontos para a festa mais uma vez.

Agora, Khezir já parecia meio bêbedo, mas Gozan estava quase completamente sóbrio ao volante do *Bentley GT* descapotável que tinham alugado, um automóvel absolutamente espantoso.

O semáforo abriu no cruzamento da Merv Griffin com a Wilshire, e Gozan carregou no acelerador. Os pneus chiaram, o carro arrancou velozmente, os sumaris dirigiram-se ao centro de Beverly Hills.

Aquilo de que Gozan gostava mais era o esplendor e a história daquela cidade. Pensou em todas as estrelas do cinema mudo que ali tinham vivido na década de 1920, quando o pai do pai dele ainda pastoreava os rebanhos nas montanhas rochosas de Sumar.

E pensou afetuosamente no seu sobrinho Khezir.

Khezir desempenhava na perfeição o papel de bruto, mas era extraordinariamente inteligente. Estava nesse preciso instante a dar asas à sua teatralidade, ao gritar os nomes dos lugares famosos por onde iam passando, os bares e as lojas e as ruas, enquanto atirava impropérios aos outros condutores.

— Guias como se tivesses um dedo enfiado no cu!

Gozan riu-se.

As ruas estavam recheadas de gente rica nos seus carros exóticos. Gozan virou à direita para a Elevado, e depois novamente à direita para a North Rodeo Drive, que se transformava naquele troço numa rua residencial bordejada de árvores com duas faixas em cada direção, divididas por um separador central relvado.

Havia ali casas magníficas, mas encavalitadas umas nas outras, como se fossem senhoras da alta sociedade encostadas à vedação nas corridas de cavalos. O dinheiro, a opulência, toda aquele gente caucasiana e loira a viver sobre uma falha tectónica, à espera do próximo tremor de terra. Aqueles americanos deixavam-no sempre espantado.

Acelerou, o carro a rasgar até aos 130, 140 quilómetros por hora. Havia um sinal vermelho mais à frente com um descapotável na faixa da esquerda, um *Ferrari* azul com duas loiraças no banco da frente. Gozan parou junto delas.

Khezir chamou-as do lugar do pendura.

— Olá, miúdas. Já alguém lhes disse que são muita giras? Venham jantar connosco. Somos podres de ricos. Precisamos de ajuda para torrar algum verde.

As raparigas loiras viraram a cara e olharam satisfeitas para os ocupantes do *Bentley*. Talvez até tenham reparado no cartão que Gozan tinha posto no para-brisas: «Corpo Diplomático. Reino de Sumar».

Riram-se as duas em coro, e a rapariga que estava ao volante respondeu:

— Não estamos interessadas. Nem um bocadinho.

O sinal abriu, e o carro desportivo virou à esquerda em direção a West Hollywood. Khezir disse para Gozan:

— Aquelas duas queridas são um bom prenúncio do que aí vem. Gostei particularmente da que ia a guiar. Já me estava a ver a montá-la.

Começou a falar em sumari e descreveu a Gozan com amplos pormenores o que lhe faria. Não se tratava de meras fantasias, uma vez que Khezir já tinha bastante experiência na arte de infligir dor durante o sexo. Era isso que o excitava.

Gozan ligou o rádio, que abafou as palavras de Khezir. Ele tinha uma estratégia, como é óbvio. Khezir podia ser esperto, mas era também demasiado novo e volta e meia saía dos eixos.

Gozan tinha de garantir que ele não dava cabo dos planos.

PRIVATE

AGÊNCIA INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO

*Quando os ricos e poderosos estão em apuros,
não é para a polícia que ligam...*

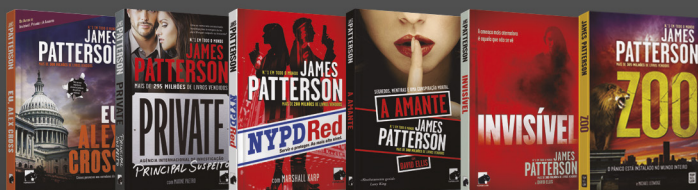
Dois suspeitos de crimes violentos, que mantinham mulheres presas num quarto de hotel, são apanhados em flagrante pela polícia. Como são importantes diplomatas estrangeiros, gozam de imunidade e não podem ser julgados. Jack Morgan envolve-se no caso, para tentar salvar outras mulheres que cruzem o caminho dos criminosos.

Ao mesmo tempo, um velho cliente da Private, Hal Archer, pede ajuda a Jack, pois está convencido de que a sua mulher o quer matar. Tudo não parece ser mais do que paranoia do multimilionário. Quando duas mortes suspeitas levam Jack a descobrir que outros homens ricos recém-casados também se sentem ameaçados pelas suas jovens e belas esposas, a investigação ganha novos contornos.

Estes dois casos conduzem Jack Morgan e a equipa da Private a Las Vegas, a cidade do pecado, onde defrontarão violadores perigosos, uma rede sinuosa de assassinos profissionais e justiceiros imprevisíveis. Todos terão de estar no seu melhor para resolver estes e outros enigmas explosivos.

Com este novo thriller emocionante, cheio de reviravoltas e ação vertiginosa, James Patterson volta a surpreender-nos.

**Outros títulos sensacionais de James Patterson,
o autor n.º 1 em todo o mundo:**



Série Private, n.º 4

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-8831-78-1



9 789898 831781

Ficção/Policial